

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO I

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 6

São Paulo, Fevereiro-Março de 1956

Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIÇA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

A História Continua Ensinando...

1. GLÓRIA À SS. TRINDADE! Foi com esta invocação suprema, a mais alta possível na terra e nomeadamente numa pátria cristã e católica, que em 1928 iniciei Pátria-Nova, convidando livre e espontaneamente para a ousada empresa um pugilo de amigos caríssimos que procediam de tôdas as encruzilhadas da vida. Destinava-se a renovar a consciência da nossa identidade e originalidade cultural e política nas Américas e no mundo. Conselheiro-Mor, distribuí as tarefas a cada membro do Conselho dos Fundadores, segundo os dotes especiais que lhes reconhecia, para explicitarem as linhas gerais da Doutrina compendiada no programa que estabeleci, e fui nomeando os chefes que providencialmente surgiam por todo o País. Realmente, a obra ia histórico-natural, insensível e logicamente, transbordando de Cultura a Acção.

x x x

2. Há indubitavelmente um profundo mistério na vida das nações. Aquela tirada shakespeariana de que existem mais coisas debaixo do céu do que pensa a nossa vã filosofia em nada é mais essencialmente verdadeira que em se tratando do nascimento, crescimento e vivência nacional. Que segredo haverá nos povos, perante os quais, por vêzes e quiçá muitas vêzes, falham os raciocínios lógicos, triunfam aparentes absurdos, ganham vitórias reais e objectivas os mais inesperados paradoxos, derribando as deduções filosóficas pretendentes a valor universal aplicável a todo e cada povo?

3. Assim como se dá com as línguas, em que nem sempre a expressão lógica, formal, é a certa e verdadeira, também sucede com a vida de tôdas e cada uma das nações. Cada uma tem o seu ser, a sua quiddidade diferente: Brasil, Suíça, Estados-Unidos, Grécia, França, etc., etc..

4. Estudamos, com dados e axiomas metafísicos, o ser e o estar, a evolução e o viver real dos povos, e, nesses, defrontados com os factos sociais constatados pela sociologia, — o lógico, o racional, o deduzido resultam mera utopia que não funciona na realidade, enquanto os costumes aparentemente inexplicáveis (rejeitados pelos teóricos puros), as instituições legadas pela tradição se confirmam prestantes, funcionais, operantes, realizando o bem comum, trazendo a organização, a felicidade, a ordem, a paz, a prosperidade aos povos.

5. Foi o que vi, foi o que vimos quando, contrariando a atitude de todos os generosos antigos movimentos monárquicos do Brasil de após 15 de nov. de 89, procurámos atingir a tradição total da nossa Pátria, inclusa toda a parte lusitana anterior ao descobrimento. Com aquela plêiada valorosa, leal, sincera e independente, nossos co-fundadores de Pátria-Nova, estruturámos a Doutrina Patrianovista, a sistemática filosófico-sociológica (que não desdenhou de recorrer à teologia da Igreja), obra do pensador político calcada na experiência histórica — política viva, política em movimento. Hoje é ela conhecida tanto no País como no estrangeiro, talvez mais no estrangeiro do que entre nós, porque alheio aos prejuízos do ambiente e à acepção de pessoas.

6. É a lição da História, semelhante ao ovo de Colombo, à maneira daquela anedota de muitos conhecida:

— Acabara certo orador célebre de pronunciar conferência maravilhosa. Enquanto todos, encantados, se desfaziam em

loas ao novo Demóstenes, um dos assistentes impassível apenas murmurou: Não sei por que se admiram tanto! Conheço um livro em que essa conferência está todinha bem exarada. — Que livro é esse? retruca alguém. O sr. pretende dizer que o orador cometeu um plágio? — Sim! replica o do contra: no dicionário da língua portuguesa está essa conferência inteirinha.

7. Sim, minhas senhoras e meus senhores, o Patrianovismo está inteirinho na História integral da Nação Brasileira que começa, existencialmente falando, na Idade Média, com Afonso Henriques, em Guimarães. Estranho verificar que ninguém tivesse visto isso antes dos patrianovistas! Mas essa história integral corresponde, para nós, ao dicionário da anedota. Não bastaria, porém, a História para crear o Patrianovismo. Foi necessária muita filosofia aliada a arguto dom interpretativo. É isso que a palavra de mestre do Prof. Dr. J. P. Galvão de Sousa nos vai expor. E honra-nos ademais, com a sua gloriosa presença de Protoparente, Dom Afonso Henriques na pessoa de S. A. I. R. Dom Pedro Henrique de Bragança, seu descendente como nós outros somos nacionalmente descendentes dos guerreiros peões e nobres, cujas lanças, cujos montantes, cujas espadas e cujas bestas talharam, com o Príncipe valeroso, o destino da Lusitânia independente e nela, fundamentalmente, o Império Brasileiro que realmente nós somos, a despeito do outro Brasil legal.

x x x

8. Ao parecermos publicamente em 1929, confessava sinceramente um grande escritor:

“É qualquer coisa de inteiramente novo que nasce depois da proclamação da República... É o “monarquismo-realista” que surge das cinzas do “monarquismo-romântico” que era o último remanescente da grande e gloriosa tradição imperial da nossa história. É o monarquismo que nasce da observação da República em acção e provindo de homens inteiramente “desligados” do Império por laços “sentimentais” de qualquer espécie. Houve a cisão absoluta e agora vai nascendo de novo a idéia, como força inevitável, como lei histórica de nossa nacionalidade, como aquilo que foi a sua “marca” diferenciativa na América e que um dia talvez venha a renascer, depois das experiências políticas que se preparam, e que oscilarão entre os extremos da direita e da esquerda, entre as ditaduras agaloadas à portuguesa e as ditaduras radicais à mexicana.

“Esse grupinho de rapazes paulistas, portanto, e a sua revista... — ambos surgem no momento em que deviam surgir.

“Vêm trazer ao exame da realidade brasileira um contingente de definição, pode-se dizer indispensável. Vêm trazer ao estudo de nossa política um elemento doutrinador que há muito lhe falta. E com isso vêm dissipar muito equívoco, na terminologia vaga e necessariamente ambigua dessas agremiações políticas efêmeras que se debatem hoje em dia, e que vão arrastando a nação à mais terrível das rupturas inter-provinciais... Só ela poderá (a solução patrianovista) talvez conservar o Brasil que recebemos de nossos avós, com toda a pujança e com todo o prestígio moral que deverá readquirir, afim de o transmitirmos íntegro a nossos filhos. Só ela nos fará talvez escapar ao dilema “cesarismo-caudilhismo”. — São palavras de Tristão de Ataíde no Jornal, Rio, 29-9-1929.

Sòmente o Passado, dignamente interpretado e valorizado positivamente, reconhecido como base de construção sólida possível com os dados modernos, sòmente o passado nos poderá unir para construir o Futuro. Só ãe conseguirá realizar, concretizar a coincidência da Nação com Estado, hoje entidades absolutamente contraditórias. Pois as instituições falsas dividem a Nação, e debalde clamarão políticos utópicos pela união nacional em tórno de "partidos" — verdadeiro ilogismo de "contradictio in terminis". Aliás a lógica não é apanágio do momento em trânsito.

X X X

9. Aí repousa, minhas senhoras e meus senhores, a lição única para tirar do Brasil do caos e da miséria moral e econômica, e refazê-lo grande potência mundial, pacífica mas forte, decente, respeitada, feliz, soberana. A maneira de o conseguir existe exclusivamente nas suas tradições, nas suas instituições fundamentais, católicas e lusíadas: na base, a restauração do Município antigo adaptado aos tempos modernos — sede da verdadeira descentralização administrativa que utópicamente buscam na "federação" . . . norteamericana; e, na abóbada, não uma forma qualquer de monocracia provisória ou vitalícia, decalcada em modelos exóticos, mas a MONARQUIA ORGÂNICA, cujo nome no Brasil, desde 1928, tem sido conhecida como Patrianovista, com seu Imperador, Rei hereditário, fora de conluios suspeitos e sem divisões partidárias — sede da concentração nacional, garantia das liberdades nacionais, penhor da descentralização avessa aos perigosos ciúmes provinciais que tentam destruir a nossa Pátria.

E tudo isso iluminado pela concepção da vida (FÊ), herdada dos nossos Maiores, com a vontade eficaz de ser e afirmar-se (IMPÉRIO), também nossa grandiosa herança.

10. Do Município, sua essência e sua existência histórica, fale-vos magistralmente como sabe o douto conferencista.

Hoje é o dia dessa instituição milenar, cá implantada a primeira vez pelo emissário de El-Rei Dom João III, o Povoador, emissário esse forrado de ciência e experiência, que foi Martim Afonso de Sousa, fundador de São-Vicente, porta do Planalto de Piratininga, senhora dos sertões da Terra de Santa Cruz.

X X X

11. E, terminando, volto ao estribilho inicial: há realmente um mistério profundo na vida das nações — guarda cioso e implacável da identidade e originalidade delas.

Os políticos republicanos não aprendem nada.

Repetem hoje os mesmos erros de há 65 e, até, de há 25 anos.

Mas só aceitando esse incontrastável mistério como um dogma nacional indiscutível, inviolável, é que poderemos salvar-nos, salvar o Brasil contra tôdas as sinistras vagas de estupidéz, de loucuras e paranoias que se abatem sôbre a humanidade, sem fé, sem resistência e sem defesas hábeis.

12. Com inteligência, sem preconceitos intelectualistas; com vontade, sem paixões debilitantes, reporemos a nossa Pátria no lugar que já deveria estar ocupando no mundo, longe da arrasadora ironia de país do futuro, de eterno país . . . do futuro!

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

(Discurso pronunciado no Dia do Município (22-1-1955), no Salão D. João VI da APISP, antes da conferência sôbre o Município na tradição brasileira pronunciada pelo Prof. Dr. J. P. Galvão de Sousa, presente S.A.S.R. Sr. Dom Pedro Henrique de Bragança, herdeiro do trono do Brasil).

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino
de A. VEIGA DOS SANTOS

À VENDA EM TÔDAS AS LIVRARIAS

DE QUEM A CULPA ?

É preciso estabelecer com exatidão a quem cabe a responsabilidade. Pretender transferir para os "trusts", a culpa pela falta de energia elétrica que nos está acarretando tremendos prejuízos, é querer usar a pior das demagogias: aquela usada pelos comunistas, pobres diabos sem pátria, ou melhor "brasileiros" de nascimento, mas russos de coração. Para admitirmos este absurdo demagógico, seria preciso que concordássemos em que tenham sido delegados poderes à Light para que ela resolvesse os nossos problemas fundamentais. Isto seria o mesmo que admitir a nossa incapacidade de os resolvermos, nós mesmos.

X X X

Sabemos que a Light e as outras empresas estrangeiras fizeram, e continuam fazendo, as maiores tratantagens deste mundo, em detrimento de nossos interesses, como por exemplo: o atraso propositado das construções de novas centrais elétricas; manobras de câmbio para a transferência de dividendos; diferenças de preço na compra de materiais no estrangeiro, diferenças estas que foram e são distribuídas, por trás da cortina, aos seus acionistas, etc., etc.. Mas, que culpa tem ela de que não nos saibamos governar? Que culpa tem ela de que não tenhamos um regime que produza governos que não se vendam ao estrangeiro; que governem o país com os olhos voltados para o engrandecimento da Pátria e não para a satisfação dos apetites sordidos dos partidos políticos? Apetites que não são outros senão os dos homens que os controlam, as famigeradas panelinhas partidárias?

X X X

A situação dos grandes "trusts" internacionais e entre ães a Light e sua parceira a Cia. Brasileira de Força Elétrica, ligada à Electric Bond and Share Company, dos Estados Unidos, é profundamente lógica. Ëles agem, sempre, tendo em vista duas ordens de interesses:

- 1.º) — O seu interesse particular;
- 2.º) — O interesse da nação de sua origem.

No primeiro caso, o que lhes importe e, de resto, interessa é qualquer empresa particular, é o lucro. Para obtê-lo, todos os meios que levem a produzi-lo, no seu entender, são bons. E ães os empregam sem cerimônia, pouco lhes importando que êsses meios sejam prejudiciais à nação onde se instalam. Devemos culpá-los pelo fato de quererem ganhar dinheiro? Quem não o quer? Não creio, portanto, que devemos assim proceder, sem uma análise mais profunda do problema pois, do contrário, não estaríamos sendo nem lógicos e nem justos. Para que temos uma aparelhagem caríssima do governo, com órgãos controladores e de fiscalização, inclusive polícia? Não será para que se não permita que nós roubemos? Para que se não permita que nos atropalhem o progresso? É mais lógico, portanto, culpar a êstes órgãos, a êstes governos e, melhor dizendo, ao próprio regime político, do qual ães são partes atuantes. O regime é que é o grande culpado, ao permitir, os governos que gera, que a Light e os outros "trusts" façam o que entendem dentro de nossa casa e às nossas próprias barbas. Ëles, os "trusts", não têm culpa: apenas se aproveitam, e por sinal que muito bem, da situação. Apenas fazem aquilo que o regime, através dos DESgovernos que gera, lhes permite fazer.

No segundo caso — considerando o interesse da nação de sua origem — a sua atuação, também, é lógica. Assim como nós brasileiros — os verdadeiros

CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 1) 9 de Janeiro — DIA DA DINASTIA NACIONAL.
- 2) 22 de Janeiro — DIA DO MUNICÍPIO (Fundação de São Vicente).
- 3) 28 de Janeiro — DIA DA MARINHA MERCANTE IMPERIAL.
- 4) 22 de Abril — DIA DOS DESCOBRIMENTOS LUSÍADAS — (Descobrimto do Brasil).
- 5) 3 de Maio — DIA DA SANTA CRUZ e da FUNDAÇÃO DE PÁTRIA-NOVA.
- 6) 13 de Maio — DIA DAS DINASTIAS LUSÍADAS (Dom João VI) e da UNIFICAÇÃO NACIONAL (Abolição da Escravidão).
- 7) 11 de Junho — DIA DA ARMADA IMPERIAL.
- 8) 13 de Junho — DIA DAS TRADIÇÕES NACIONAIS (Santo Antônio).
- 9) 2 de Julho — DIA DA RESISTÊNCIA NACIONAL (Vitória de Pirajá contra os Côrtes liberais).
- 10) 20 de Julho — DIA DA FÔRÇA AÉREA IMPERIAL (Santos Dumont).
- 11) 25 de Agosto — DIA DO EXÉRCITO IMPERIAL (Duque de Caxias).
- 12) 7 de Setembro — DIA DA PADROEIRA DO BRASIL e da FUNDAÇÃO DO IMPÉRIO.
- 13) 13 de Setembro — DIA DO IMPERADOR (Dom Pedro III).
- 14) 12 de Outubro — DIA DA HISPANIDADE (Descobrimto de América).
- 15) 15 de Novembro — DIA DOS MORTOS PATRIANOVISTAS.
- 16) 2 de Dezembro — DIA DOS IMPERADORES (Dom Pedro I, Dom Pedro II, Dona Isabel I e Dom Luís I).
- 17) 16 de Dezembro — DIA DA COMUNIDADE LUSÍADA (Elevação do Brasil a Reino).
- 18) 17 de Dezembro — DIA DA UNIDADE IMPERIAL DO BRASIL (Dia dos Governadores Gerais e Vice-Reis).

NOTA — Nesta Imperial Cidade de São Paulo de Piratininga, celebrar-se-á a 25 de Janeiro o DIA DA EXPANSÃO BANDEIRANTE.

— Além desse calendário geral, podem os Patrianovistas celebrar em cada Província ou Município as datas especiais da sua particular história dentro da Unidade Imperial do Brasil.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista.

deiros, não os só de nome — pautamos as nossas ações no sentido da consecução dos altos interesses de nossa Pátria, assim, também, os "trusts" estrangeiros guiam a sua ação no sentido da satisfação dos interesses mais altos da nação de sua origem. Sabemos que estas empresas, entre elas a Light e a Cia. Brasileira de Força Elétrica, são originárias de países super-capitalistas, como Inglaterra e Estados Unidos, cujos governos — por isso que são controlados por seu super-capitalismo — agem, internacionalmente, em função dos interesses de suas grandes empresas industriais, interesses esses que se confundem com os próprios interesses do Estado. Não convindo a essas grandes empresas que os países considerados "seus" mercados se percam como tal, influem, como no nosso caso, junto às concessionárias dos serviços públicos de eletricidade para que, atrasando os seus planos de expansão de usinas, fique emperrado o progresso industrial do país que, de outro modo, seria beneficiado no sentido de sua independência econômica. Isto é claro e, isto, realmente, acontece.

X X X

A prova do que estamos dizendo, nós a encontramos na coincidência estranha entre o que está acontecendo em matéria de eletricidade e o que se passou por volta de 1926. Também, naquela época, em que estava em andamento um processo mais ousado de industrialização do país, feito água para as usinas da Light, o que motivou o racionamento de energia elétrica. Com isto as industriais da época — e quem tiver memória deve lembrar-se bem disso — tiveram, como agora aconteceu, de recorrer à compra apressada de geradoras, pagas a qualquer preço, para não verem as suas indústrias paralisadas e a falência a lhes bater às portas. Não foi isto o que aconteceu de há dois anos a esta data, quando começou, de forma quase violenta, o novo surto industrial do Brasil? Quantas indústrias deixaram de se instalar aqui, naquela época, e quantas não terão deixado de fazê-lo agora, por falta de energia elétrica?

Porventura, a falta de energia elétrica se deverá, como apregoa a Light e o órgão que pseudamente a controla, à falta de água? Admitir-se isso é profundamente ridículo, para quem o faz. Se esta história fosse verdadeira, porque cargas d'água estaria a Light construindo a usina subterrânea do Cubatão? Se a água atualmente existente mal dá para mover a atual usina, com que água moveria a Light a usina que agora está construindo? Poderão responder que as chuvas virão e que está construindo dita usina fiada nelas. Pergunta-se, então, por que será que as chuvas fogem exatamente nos momentos em que essa empresa não tem máquinas para serem acionadas em número suficiente para produzir a energia de que necessita a indústria para a sua expansão? Não acham que é uma coisa muito esquisita? A desculpa de falta d'água é, sem dúvida, uma desculpa muito boa para camuflar, aos olhos dos ignorantes, o atraso na construção de novas usinas.

X X X

Dizem os defensores da Light que este estado de coisas se deveu ao famoso Código de Minas. Não se culpe totalmente dito Código. Este, teve papel preponderante no preparo das condições necessárias ao advento da tão almejada independência econômica que começa, agora, a dar um pequeno sinal de vida possível. A história confirmará isto, sem dúvida nenhuma. Entretanto, baseada neste tabu, a Light pôde agir, como agiu, travestida de anjinho... A verdade, porém, é que a ela não interessa — por força dos interesses de sua nação de origem — produzir energia para mover indústrias. Interessa-lhe — e para isto é o que não atentam os observadores apressados, ignorantes, ou safados — produzir energia, exclusivamente, para iluminação, para tração de carris urbanos e para movimentar aparelhos elétricos inventados para o conforto dos habitantes das cidades. Daí o atraso na construção de novas usinas. Daí, as suas campanhas de "Boa luz é a vida dos seus olhos"... etc., etc.

Quando a usina subterrânea do Cubatão, como, aliás, aconteceu com a usina de Forquacava, entrar em funcionamento, o seu potencial já estará grandemente comprometido pelo aumento vegetativo da demanda de eletricidade para fins civis. Sobrará, apenas, um resto para atender à industrialização que está morrendo de inanição por falta de energia que a alimenta. Não adianta virem os cretinóides republicanos com sofismas, tentando explicar o fato com críticas a Getúlio Vargas, pela feitura do Código de Minas; não adianta virem os comunistas sólos atacar o capitalismo internacional, dizendo-o culpado, porque receberam ordem de Moscou para fazê-lo... A verdade é, apenas e simplesmente, a que acima está exposta. A culpa é do regime político em que vivemos, que produz governos fracos, vulneráveis, que não conseguem se impor aos "trusts", fiscalizando-os para que nos sirvam, pois que, para isso, é que estão ganhando os lucros cuja licitude nos abstermos de discutir. Eles vivem de lucros; pois que os ganhem, mas sem nos emperrar o progresso. Mas, isto, só se conseguirá, fiscalizando-os. Se, como acontece, não os fiscalizarmos, a culpa será nossa por não agirmos de acordo com os nossos interesses.

X X X

Embora sejamos partidários da livre iniciativa — não do liberalismo econômico, é preciso que fique bem claro... — achamos que, na República das Árábias em que vivemos, é necessária a suplementação da atividade particular pelo Estado, no caso da energia elétrica, indo até ao monopólio estatal, no caso de outras energias. Agir contrariamente seria nos condenarmos, nós mesmos, a ficar à mercê de conveniências estranhas e contrárias às nossas. As potências industriais de onde provêm as atuais concessionárias de energia elétrica querem que consumamos, apenas, como já ficou dito, energia para iluminação. Nós, por outro lado, queremos que elas produzam energia para alimentar as fábricas que nos darão a independência econômica que almejamos. Nossos interesses são, como se vê, profundamente antagônicos. Não os culpemos por verem as coisas por um prisma diferente do nosso. Eles nada mais fazem do que defender os seus interesses, particulares ou não, enquanto nós, não sabemos defender os nossos, pois que não temos um regime político capaz de defendê-los. Daí a necessidade de monopólios estatais ou, simplesmente, da suplementação do Estado na exploração desses serviços.

Num regime honesto, não convém ao Estado ser comerciante, para que não sejam perturbadas as atividades econômicas particulares, desde que legítimas. Estas atividades, no que concerne à exploração dos serviços chamados públicos, seriam controladas por comissões especiais de fiscalização, nomeadas pelo governo, sem a interferência daninha dos partidos políticos, como agora se verifica. No regime que pregamos, a Monarquia Orgânica Patrianovista, o Rei não deve obediência a partidos políticos, pois que reina acima e equidistante de seus interesses mesquinhos (interesses que nem sempre são honestos, mas quase sempre desonestos...). Nomeia, livremente, o seu governo; governa este responsável perante a Nação e controlado em suas atividades pelas Cortes, ou em linguagem mais à moda dos tempos, pelo Congresso, pelas Câmaras de representantes, não esta espécie de representantes que aí estão e que nada representam senão os seus interesses sórdidos e particularistas, mas de representantes reais dos diferenciados grupos sociais que compõem a Nação brasileira.

Fora daí, Amigos meus, é malhar em ferro frio. É gastar saliva e papel em pura perda. Nada se poderá remediar neste país, porque nada aqui, em matéria política, neste regime, tem remédio. A Administração vive em caos e os governos em desordem perpétua porque, como disse Café Filho, não é possível governar com esta Constituição (Com este Regime, dizemos nós, porque Constituição é, apenas, e roupagem do regime...). É preciso que nos convençamos, de uma vez por todas, de que o organismo político da Nação está mais do que podre. Já há muito que fede. O único remédio para este — heróico remédio — é enterrá-lo. Surgirá desse estrume, a árvore frondosa da redenção nacional: o III.º IMPÉRIO ORGÂNICO PATRIANOVISTA!

José de OLIVEIRA PINHO

PORQUE A MONARQUIA ?

Quem quer que faça estudos sumários de grego sabe que na língua de Homero "monarkhia" quer dizer governo de um só: Monos-arkheia. O termo passou quase sem transformação para o latim e os seus derivados, francês, italiano, espanhol e português. Na origem as tribos elegiam o seu chefe, o qual era em geral um ancião conhecido pela sua sabedoria. Depois veio o hábito de dar ao filho o lugar do pai, como se lhe davam as suas terras e ferramentas. Foi assim que, na sua essência ainda pura, descobriram os homens a monarquia hereditária. A inocência e a bondade dos bandos primitivos compreenderam que era esse o único sistema de governo capaz de lhes dar a felicidade e a segurança desejadas por todo ser humano.

Poderão alguns objectar-me que os povos primitivos agiram antes por ignorância que por sabedoria e, conseguintemente, que o governo de um só é uma prática bestial e indigna dum homem. Responderá os meus detractores com três argumentos que não poderão contestar: — 1.º) Os ignorantes são em grande maioria pessoas brandas e pacíficas, ignoram o mal que os outros lhes fazem e não agem como "bestas" senão ao serem atacados e maltratados. Leiam os meus adversários uma página narrativa de explorar chegada a uma aldeia papu ainda desconhecida. Perceito me objectareis ainda com a gente comedora de homens, concedo. Está estabelecido que os antropófagos foram originariamente dizimados pela fome e levados por esse facto a alimentar-se de carne humana. As gerações seguintes adquiriram o hábito e deram-se a essa prática que não vem de tara racial mas de simples acidente.

2.º) Em toda reunião de homens certos deles se distinguem e se impõem aos outros. Sabiam-no os primitivos, que preferiam dar o poder a um só chefe, afim de evitarem as discussões, as rivalidades e as revoluções. Doutra parte, substituir um rei morto pelo filho evitava fazer uma eleição, em que a astúcia, a corrupção e os instintos triunfariam dos corações honrados e arrastariam a perturbações nefastas. Admiremos, pois, a sabedoria dos povos primitivos que passam por "selvagens" aos nossos olhos civilizados. A lógica deles é muito mais justa do que a dos atenienses que estabeleceram a sua República...

3.º) A Democracia, a Demoflocracia ou o Marxismo não são aplicáveis a não ser em países pequenos e cujos centros urbanos estejam ligados por vias de transporte naturais excelentes. Não me demorei nos efeitos da Democracia nos países onde é praticada. O "Governo do Povo" é teoria completamente idiota: o povo é ignorante e brutal e é a ele que vão obedecer pessoas instruídas e requintadas? E até na sua aplicação prática a Democracia mostra o seu lado: conduz inevitavelmente à oligarquia, isto é ao "Governo de alguns", que é um princípio revoltante quando esses "alguns" não são um escol intelectual e moral, digno de valer por um povo, nem de educá-lo, nem mesmo de o administrar. Os romanos, histerificados pelos seus estúpidos e sanguinários governos, gritavam: "Panem et Circenses!" quando o Senado lhes perguntava o que queriam.

Ah! hoje, quantos países pedem "Panem et Circenses"? E os que não têm bastante capacidade mental para fazer citações não gritam "Sanduíches e Cinema-scópio"? Cri ouvi-lo, esse grito terrível e infame, sinal característico da decadência dum povo, nas ruas desertas de São Paulo. Eram três horas da manhã, tudo parecia dormir, mas tudo me dizia, como em sonho, "Arroz e futebol"! Oh dor! O país que eu mais amava depois da França me desestava pela vil grosseria dos seus habitantes! Brasil, desperta! As tuas paisagens deslumbrantes merecem humanos que sajam dignos deste nome! Que o teu sono se prolongue e tu rolarás de cabeça para baixo no abismo, com os pés arrancados ao pedestal maravilhoso que se orgulhava de carregá-los...

É a Demoflocracia um progresso, comparada com a Democracia, não só em teoria mas ainda e sobretudo na prática. (Para todas as informações sobre este movimento, dirigir-se ao Prof. Fernando Nobre, Av. Higienópolis, 232, São Paulo). O Comunismo é, em teoria, ou, antes, utopicamente, melhor que a própria Monarquia. Na prática, porém, é inferior à tirania mais brutal que se possa imaginar.

No caso do Brasil, como tive ocasião de escrever várias vezes e notadamente em "Monarquia", o regimen pseudo-Democrático é uma oligarquia das mais pe-

rigosas, e eu não compreendo como brasileiros têm a coragem de sugar o sangue dos seus compatriotas e entregar o país que declaram adorar às mãos viscosas de petróleo dos rapinantes da América do Norte! O Brasil que adorais, hipócritas avarentos, é um Brasil minúsculo e construído de notas de dez dólares. Sois um rebotalho de raça, uma colônia de parasitas de longos dentes, e as maneiras aparatosas, os títulos de deputados ou de ministros, não podem dissimular a vossa lepra. Sob o vosso traje republicano e democrata formigam os vermes do vício e da decadência; mas sereis escorraçados, como ladrões que sois, do templo outrora puro que manchastes.

O Brasil espera uma Monarquia Orgânica, apressamo-nos em dar-lha, pois é o remédio único que o salvará. Salvemo-lo, amigos, porquanto é o vosso povo, a vossa família, sois vós que ides peracer, mortos pelo arsênico de 1789!

Artistas do Brasil, agrupai-vos, sigamos a bandeira branca de nossos pais! Que as nossas penas estreameçam de horror ao escreverem a palavra Brasil se a República continuar a semear nêlo os seus miasmas parlamentares e os seus vírus bestiais! Que o Brasil seja o símbolo da abjeção se a baixaza democrática continuar a nos entorpecer! Que o Brasil fique para sempre marcado com o ferro rubro dos forçados se vós, artistas brasileiros, permanecerdes nas infectas fileiras das hostes federais, comandadas por mercenários que chamam "pátria" o país que os paga!

Robert-Gilles LACOIX
(Traduziu "Monarquia")

AS DUAS REPÚBLICAS

Naquele tempo, 1922, ainda havia muita gente que sabia que "república no Brasil é desgraça completa, eram a mesma coisa".

Mas, como a república no Brasil já havia sido "consolidada" a ferro e a fogo pelo "major" Floriano, a Nação tinha que engulir-la de qualquer jeito...

O "povo", porém, "inconsolidado" à desgraça, aproveitava os recursos do carnaval, o teatro, as canções populares e outros meios com que pudesse fazer a sátira da pantomima novembrina. Piadas, chistes, ditos e outros, eram os meios usados pela verve humorística popular para "desabafar" a sua revolta contra a desordem e o regresso em que mergulharam o Brasil.

Tal como hoje vemos, havia naquele tempo o uso do próprio liberalismo para, de maneira inteligente, a "maioria absoluta", derrotada nas urnas pelos coronéis da república, delectar o próprio deboche...

A propósito, vou recordar dois acontecimentos daquele tempo. O primeiro, ocorria em Jaboticabal (cidade das Rosas) e, o segundo, em Barretos (a cidade das Invernadas).

Em Jaboticabal, naquele tempo, eu era aluno do Ginásio São Luís e tinha como colegas muitos adolescentes que hoje, cinqüentões de idade, são detentores de cargos, juristas, militares de alta patente, homens de letras, estadistas, engenheiros, etc.

Forçoso é que se diga que fizeram sucesso em todos os ramos da vida político-social, aquelas brilhantes turmas do Ginásio São Luís. Porisso, para evitar "qui-pro-quos", vou abster-me de mencioná-lhes os nomes, para só tratá-los pelas alcunhas que recebiam na solenidade do trote aos calouros, e cujo "batismo" permanecia até mesmo quando, já formados, eram desligados do colégio.

E destes apelidos, nem mesmo o Reitor Prof. Aurélio Arrobas Martins, escapou. Era... (não faz mal dizê-lo, em termos de saudosa e afetiva memória), era o "Arnolas" (interpretação de sua assinatura arrevesada).

Arnolas, o nosso saudoso e querido mestre, fôra e sempre se conservara monarquista e leal à sua formação católico-monárquica. Eis por que era um grande educador e, em poucos anos, aquêle pequeno colégio que fundara em Jaboticabal, sob a proteção do Major Novais (então Prefeito), projetou-se de tal forma, que chegou a ser o segundo colégio do Brasil, em qualidade educacional. Prosperou... prosperou... até que um dia a Prefeitura lhe tomou o colégio e, hoje, pertencente ao "estado republicano", entrou para a vulgaridade de todos os ginásios do governo.

Arnolas, que fôra em Portugal comandante da guarda real de Dom Carlos, tendo feito brilhante curso de Teologia em seminário lisboeta, com a "proclamação da desgraça" em Portugal, fugiu para o Brasil, dizem, em "travesti" de padre regular.

E aqui no Brasil foi professor. Lutou muito e venceu. Foi um grande educador. Enérgico, ao mesmo tempo de paternal bondade, de cultura ímpar, notável orador, continuou a ser católico praticante e monarquista convicto e convincente.

Dado o seu feito psicológico, Arnolas imprimia no Ginásio São Luís apesar da república que há trinta anos vivíamos, um cunho tipicamente monárquico de austeridade, respeito, dignidade, honra, virilidade, e hierarquia.

Pois bem; os alunos, apesar de estranharem o regime do mestre Arnolas, apreciavam-no e até hoje guardam as mais gratas recordações, pois foi sob este regime que aprenderam a ser homens dignos até mesmo dentro da república.

No fim do ano, quando o último exame tinha sido realizado, era proclamada a república no velho colégio, sob forma pitoresca e satírica.

Exatamente quando o relógio da Matriz assinalava meia noite, quebrava-se a disciplina do colégio. Todos passavam a ser iguais, todo mundo mandava, ninguém obedecia. Cozinheiros, vigilantes, professores e alunos, todos passavam a viver em "igualdade de direitos". Era o "frêge".

No grande dormitório tinha então lugar a "solenidade", a reprodução teatral da "radiosa" manhã de 15 de novembro de 1889. Joaninha fazia o papel de corsele de Deodoro, que era representado pelo Madame. Este, caricaturando um fardamento, enchia o peito de crachás de saltos de botinas, punha a espada à cinta, montava no Joaninha e berrava à "crilada": — Viva a Liberdade! Abaixo o tirano Arnolas! E a molecada toda em forma, formando alas junto às camas, em grande uniforme de camisola e cobertor à maneira de poncho, respondia: "Vivooo"... Viva a república!

Seguia-se depois a cena da "batalha". Eram travesseiros de pena, à guisa de petardos e Schneider que estilhaçavam no espaço, enchiam o ambiente de fumaça, gritos, "sangue" e... manifestações de júbilo. Neste instante aparecia o Ladário: era o Capitão Pintado — capitão do batalhão colegial e, hoje, alta patente da Aeronáutica Militar —.

Pintado era morto por um sargento que lhe aplicava um tiro de traque na testa. Viratípa, o ordenança do "marechal" Madame, ajudava-o a estrilbar o seu fogoso corsele Joaninha. Pirolito era o artilheiro e lançava pela janela "poderosos" obuses de bombas-de-parade, pacientemente guardados e conservados desde as férias de São João. Patrêco fugia da república. Outro, de apelido Garrucha, dava um tiro de buscapê no Fimfim. Lua-Cheia, no papel de Ouro-Prêto, fazia tudo para "abafar" os insubordinados, chamando às falas o Almofadinha que figurava o Benjamim do Melodrama. E ainda havia quem representava o Quintino: era o Tom Mix, que, montando uma cavalgadura magra e ossuda chamada Palhaço, completava o chiste da pantomima.

No dia seguinte, em plena república, a "vitória" era assinalada por um grande baile no colégio (mas só os maiores — maiores — podiam tomar parte) e a crilada miuda saía e entrava quando quisesse, ia ao cinema todos os dias, alegria, farrá, e "néca" de estudos ou coisa séria. Ninguém mais trabalhava e todos esbanjavam os comportamentos economizados ou construídos durante o ano letivo. Era a REPÚBLICA que só terminava quando o último colega fivesse embarcado para o estracismo de seus lares.

E assim foi que eu, adolescente, fiquei sabendo o que era Monarquia e aprendi como se proclamava uma república!

Jeronymo Ricardo de MATTOS

LEMBRETE PARA O PATRIANOVISTA

Quem não tem coragem de morrer por uma grande Causa não possui valor para viver por ela e para ela. A vocação para mártir é a garantia única da fidelidade aos princípios e penhor da vitória.

CHEFE GERAL

A MELHOR SONORIDADE PARA O BRASIL

A melhor orquestra para o mundo é o som do petróleo e o ferro. E no Brasil? que espécie de som usamos? Bem, os Estados Unidos da América do Norte, de simples colônia que eram, devido ao petróleo e o ferro descobertos, tornaram-se poderosos, no tocante a conquista econômica, passando-se esse país privilegiado já pelo clima que muito favoreceu e favorece a corrente imigratória, dando ela preferência por encontrar ali o meio adequado para o trabalho; já pelo fator humano multiplicado pelo emprego da máquina valorizando o trabalho braçal, ou seja um homem valendo 47, superior ao valor humano de outros países da Europa em relação à produção. Conquistaram os americanos o ponto 31 e os europeus o ponto 13. O desenvolvimento assombroso dos Estados Unidos em um século a bico foi exatamente porque souberam os americanos compreender que a estrutura de um país sem firmeza na base de produção, notadamente do ferro e o petróleo, seria praticamente nula e cuidaram então de resolver o problema, sendo hoje com o incremento das indústrias dessas matérias primas o mais rico do mundo. Um país ao sul desse continente com os mesmos elementos humanos que lá existem, e imenso território com todas as possibilidades para as mais vastas conquistas econômicas e em relação a todas as produções, muito embora tivesse Dom Pedro II dado início à pesquisa do petróleo, pois do ferro já estava em franca produção como notamos nas construções navais, sendo por esta época nossa Marinha Imperial considerada uma grandeteza para o país, tanto que o Brasil na Monarquia era a maior potência das Américas, a primeira, e segunda do mundo. Veio então a República a qual encontrando tudo feito bastaria apenas continuar, mas como é ela desastrosa acabou com as iniciativas do Imperador, mandando embora os técnicos e nada continuou. Assim ficou o país dormindo 60 e tantos anos sem produção e inerte na exploração desse rendoso produto essencial à economia. Tudo porque se trocou o som "Monarquia" condizente com a nossa nacionalidade, pelo som "República", anti-nacional e com ela surgiram outros sons como consequência "congelamento", "reajustamento" etc. etc. O azar do Brasil foi a República que ninguém encomendou e ficamos apenas embevecidos, como se fôssemos botocudos contentes em ouvir esses sons: "Somos o maior país do Mundo", possuímos a maior Rio (Amazônia); "Nossas riquezas são inesgotáveis" e "mandamos o Ministro da Fazenda, com o chapéu na mão", pedir dinheiro em Nova Iorque.

Na harmonia nacional a Monarquia nos deu um Carlos Gomes, mas veio a República e nem mais um gênio se formou e ~~estricou o nariz~~ nacional em tudo: se queremos arte não há outro remédio senão buscar no passado, o qual não nos envergonhou. Até mesmo a forma de Governo ainda é ela, a Monarquia, a melhor para o Brasil e melhor porque cuida de todas as harmonias. Ela é a melhor sonoridade para o Brasil.

Certo? Errado?

Monteiro Lobato no livro 13, página 63 (Prefácios e entrevistas) dá bons esclarecimentos sobre o assunto. Também Veiga dos Santos à página 21 do folheto "DE NÓBREGA E OUTROS PATRÍCIOS" contribui grandemente para uma idéia de conjunto.

A República veio cortar os altos destinos do Brasil.

Artur BAPTISTA PEREIRA

ORDEM NACIONAL

Nada passa para a autoridade do Município se pode ser feito pelos grupos naturais (família, corporação, etc.).

Nada passa do Município para a Província, se aquêle o poder realizar.

E nada sai da Província para o Estado Imperial, se ela o pode fazer.